

A história da lã: da domesticação à atualidade

Virgínia Santos

Ângela Martins

Mário Silvestre

Severiano Silva

Jorge Azevedo

Resumo

A produção de lã foi durante muitos anos, em Portugal e em várias regiões do mundo, uma das principais razões da exploração ovina. Esta situação foi alterada com o aparecimento das fibras sintéticas. A produção de carne ou de leite tornaram-se então as principais aptidões económicas destes animais. De qualquer forma, sendo absolutamente necessário tosquiar anualmente os ovinos, a lã pode proporcionar um rendimento extra, principalmente nos ovinos com velo de qualidade superior. Portugal apresenta 16 raças autóctones de ovinos que se enquadram em três grandes grupos étnicos, Merino, Bordaleiro e Churro, de acordo com as suas características morfológicas externas e aptidões. Cada um destes grupos étnicos apresenta tipos de velos com características têxteis diferentes. É assumido que as raças de etnia churra proporcionam lã considerada de má qualidade, caracterizada por ser lisa e de toque áspero. Em contrapartida as raças do grupo étnico Merino são consideradas como produtoras de lã de qualidade, caracterizada por ser macia ao tato e apresentar fibras muito onduladas. As características corporais e têxteis que os ovinos apresentam relacionam-se não só com fatores genéticos, mas também com as condições do meio ambiente onde vivem. Pretende-se com este trabalho contribuir para o conhecimento da origem da lã e perceber a diferenciação das raças ovinas autóctones nos três grupos étnicos existentes em Portugal.

Palavras-chave: lã, velo, merino

Abstract

Wool production has been for many years, in Portugal and in several regions of the world, one of the main reasons for sheep production. This situation changed with the appearance of synthetic fibres. The production of meat or milk has thus become the primary economic aptitude of these animals. In any case, since it is necessary to shear the sheep annually, wool can provide extra yield, especially in sheep with a fleece of superior quality. Portugal presents 16 autochthonous sheep breeds that fall into three large ethnic groups, Merino, Bordaleiro and Churro, according to their external morphological characteristics and aptitudes. Each of these ethnic groups has different types of veils with different textile characteristics. It is assumed that breeds of Churra ethnic group provide wool considered of poor quality, characterised by being smooth and rough touch. In contrast, the breeds of the Merino ethnic group are considered to be producers of quality wool, characterised by being soft to the touch and presenting very undulating fibres. The physical and textile characteristics that sheep present relate not only to genetic factors but also to the conditions of the environment in which they live. This work intends to contribute to the knowledge of the origin of wool and to understand the differentiation of native sheep breeds in the three ethnic groups that exist in Portugal.

Keywords: wool, fleece, merino

INTRODUÇÃO

A produção de ovinos assume um papel importante na economia das zonas rurais de baixa densidade. Associada ao aproveitamento destes animais está a lã, um recurso que tem registado, na

última década, um ligeiro renascimento, com o investimento de algumas empresas na criação e renovação de unidades para a produção de fios nacionais. Os fios e os tecidos de lã são considerados uma matéria-prima nobre com utilizações diversas que vão desde a aeronáutica, à arquitetura, à medicina, etc. Pretende-se com este trabalho contribuir para o conhecimento da origem da lã e perceber a diferenciação das raças ovinas autóctones nos três grupos étnicos existentes em Portugal.

A ORIGEM DOS OVINOS DOMÉSTICOS

A domesticação dos ovinos terá ocorrido há cerca de 11 mil anos no Sudoeste Asiático¹ a partir dos ovinos selvagens que habitavam aquela região e aonde ainda estão presentes. Os três principais grupos de ovinos selvagens Euroasiáticos são o muflão asiático (*O. Orientalis*), o urial (*O. vignei*) e o argali (*O. ammon.*). A semelhança morfológica aponta-os como os ancestrais do ovino doméstico, ou terão de alguma forma para ele contribuído². De acordo com Clutton-Brock³, o muflão asiático (*O. Orientalis*) foi provavelmente o ancestral de todos os ovinos domésticos e talvez também do muflão europeu (*O. Musimon*). Este último terá estado, na origem das raças domésticas europeias e o argali (*O. Ammon*) na origem das raças asiáticas⁴. Os locais de domesticação e a forma de dispersão dos animais pelo mundo continua a ser alvo de investigação através de estudos genéticos e arqueológicos⁵. Os ovinos foram inicialmente domesticados com o objetivo de serem fonte de alimento, nas formas de carne, sangue e leite⁶. Os ovinos eram também mantidos pelas suas peles e a lã não teria qualquer valor, já que nos ovinos selvagens a lã estava misturada com fibras grosseiras. Pensa-se que a domesticação para o aproveitamento da lã terá tido um desenvolvimento secundário⁷.

O APARECIMENTO DA LÃ

As primeiras fibras parecidas com lã foram encontradas em Çatal Hüyük, na Anatólia, Turquia, e terão surgido num período talvez anterior a 6000 a.C.⁸. Também achados arqueológicos encontrados no Irão, entre eles uma estatueta representando um carneiro com a

¹ M. L. Ryder, "Sheep," in Evolution of domesticated animals, ed. I. L. Mason (London: Longman Group Limited, 1984): 63-85.

² K. Majjala, "Genetics aspects of domestication, common breeds and their origins," in The genetics of sheep, ed. L. Piper e A. Ruvinsky (CAB International, 1997): 13-49.

³ J. Clutton-Brock, A natural history of domesticated mammals (Cambridge University Press: British Museum Natural History, 1987).

⁴ M. L. Ryder & S. K. Stephenson, Wool growth (Berkeley Square, London: Academic Press Inc. Ltd., 1968).

⁵ Clutton-Brock.

⁶ Ryder.

⁷ A. J. C. Teixeira, "Contributo para a classificação etnológica dos ovinos churros Portugueses mediante distâncias morfométricas do esqueleto cefálico e do osso metacarpo" (tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1991).

⁸ H. N. Savory, Espanha e Portugal, vol. I e II (Lisboa: Verbo, 1974).

barriga coberta de lã, sugerem que a seleção de ovinos para o aproveitamento da lã pode ter tido início por esta altura, 6000 a.C.⁹. Grande parte das alterações morfológicas nos ovinos, devidas à domesticação, como a redução do tamanho e a alteração da forma dos cornos, o aumento do tamanho da cauda e o revestimento do animal, com menos pelo cabrio e mais lã são já representadas em ilustrações encontradas na Mesopotâmia, Ásia Ocidental em 3000 a.C. e também em textos na Babilónia¹⁰. Pensa-se que, na Mesopotâmia, os primeiros povos agricultores descobriram que podiam usar a lã das suas ovelhas, sem ter de as matar, e as mesmas ovelhas poderiam produzir mais lã nos anos seguintes. Esta foi uma grande descoberta que impulsionou a utilização da lã para o fabrico de tecidos. Os vestígios mais antigos de têxteis de lã foram datados de 4000 – 3000 a.C.¹¹ e o mais antigo têxtil de lã encontrado na Europa, descoberto num pântano dinamarquês, foi datado de 1500 a.C.¹². O aparecimento de ovinos com um revestimento com menos pelo cabrio e mais lã foi uma das consequências da domesticação com a manutenção de variantes (mutações não deletérias) que na natureza seriam normalmente eliminadas, mas cuja permanência foi favorecida pela elevada consanguinidade dos rebanhos iniciais¹³ e pelos efeitos de uma seleção artificial, mais ou menos inconsciente, associada a condições naturais e sócio-culturais¹⁴. Na altura, a posse de animais com características raras poderá ter sido motivo de admiração e até de estatuto.

A LÃ NA EUROPA

As vagas migratórias, principalmente dos povos Persas, Gregos e Romanos, associadas à mobilidade dos ovinos, permitiu a dispersão destes animais e a introdução da lã um pouco por toda a Europa. Poder-se-á dizer que, ao longo da história, os ovinos cumpriram dois objetivos importantes, alimentar e vestir a humanidade. Inicialmente, os processos de tecelagem e de fiação seriam realizados localmente pelos povos Babilónios, Sumérios e Persas, usando para o efeito, instrumentos muito simples.

Os ovinos eram criados pela sua lã e como possível meio de troca comercial. Os rebanhos maiores eram sujeitos a um imposto definido pelo poder Real, de acordo com o número de carneiros que

⁹ M. E. Ensminger & R. O. Parker, *Sheep and Goat Science*, 5ª ed. (Danville, Illinois: The Interstate Printers and Publishers Inc., 1986), 643.

¹⁰ Clutton-Brock.

¹¹ B. Smith, M. Aseltine & G. Kennedy, *Beginning Shepherd's Manual*, Second Edition (Iowa, Iowa State University Press, 1997), 207.

¹² D. J. Cottle, "World sheep and wool production," in *International sheep and wool handbook*, ed. D. J. Cottle (Nottingham University, 2010): 1-49. ISBN 978-1-904761-86-0.

¹³ Ryder.

¹⁴ P. A. Russo-Almeida, "Diversidade genética e diferenciação das raças portuguesas de ovinos com base em marcadores de DNA – microssatélites: uma perspectiva de conservação" (tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007).

possuíam¹⁵. Contudo, foi a partir do linho que foram criados os primeiros tecidos para o fabrico de vestuário. Antes da invenção da tesoura, que terá ocorrido durante a Idade do Ferro, a lã seria arrancada utilizando para o efeito pentes de cobre¹⁶. Durante a era Romana eram utilizados vários materiais para o fabrico do vestuário, desde a lã, o linho e o couro. Reconhece-se que durante o Império Romano as fibras de lã tornaram-se mais finas e de qualidade superior, fruto da seleção praticada, e motivo de prestígio como relatado por Plínio, filósofo e naturalista, autor da enciclopédia *Naturalis Historia* (77 a.C.). A lã apresentava vantagens sobre as fibras vegetais. Era mais fácil e rápida de fiar do que o linho e o algodão. Era também mais quente, o que poderia ser uma desvantagem em alguns países, e mais fácil de tingir. Na Idade Média (476 – 1453) o comércio da lã floresceu. Sinal disso é a ocorrência de seis feiras ao longo do ano, na região de Champagne e Brie, na França, cada uma com uma duração superior a seis semanas. No seu auge, no final dos séculos XII e XIII, as feiras de Champagne estariam ligadas às cidades produtoras de tecidos de lã nos Países Baixos Franceses (em redor dos rios Delta, Reno) e aos centros de tinturaria e exportação de Génova, Nápoles, Sicília, Chipre, Maiorca, Espanha e Constantinopla^{17,18}. O comércio de lã era a força económica desses Países Baixos e da Itália Central, com a maior parte da lã em bruto a ser fornecida pela Inglaterra e Espanha. A Inglaterra (antiga Britânia) torna-se líder na produção de lã e nas técnicas de fiação e tecelagem, com a localização das principais indústrias na cidade de Winchester. Para tal terá contribuído o estabelecimento dos Romanos na Britânia o que ajudou a melhorar os métodos utilizados. Durante o século XII, após a conquista normanda da Grécia, os tecelões gregos foram enviados para Itália como escravos, o que impulsionou uma melhoria da indústria de tecelagem italiana. No século XIV os tecelões flamengos fugiram da invasão espanhola e estabeleceram-se na Inglaterra o que terá também contribuído para uma melhoria na qualidade dos têxteis produzidos neste país. A coroa inglesa, em 1275, impôs o primeiro imposto sobre a exportação de lã chamado "Great and Ancient Custom"¹⁹. O imposto introduzido durante o reinado do rei Eduardo I (rei de Inglaterra desde 1272 até 1307), foi posteriormente negociado com os comerciantes de lã, incluindo os comerciantes estrangeiros. Os comerciantes teriam como contrapartida o acesso ao comércio livre com a Flandres. Em 1273, a exportação da lã foi proibida na Inglaterra, exceto por pagamento de licenças especiais. Esta proibição continuou em 1274 e tornou-se ainda mais restritiva, sendo necessárias mais licenças e uma vigilância apertada a situações de contrabando. Em Espanha,

¹⁵ Ensminger & Parker.

¹⁶ Cottle.

¹⁷ F. Braudel, *Civilization & Capitalism 15-18th Centuries: The Perspective of the World*, vol. 3 (London: William Collins & Sons, 1984).

¹⁸ J. H. Munro, "Medieval Woollens," in *The Cambridge History of Western Textiles*, ed. D. T. Jenkins, 231-236 (Cambridge: Cambridge University Press, 2003).

¹⁹ E. Power, "The Wool Trade in English Medieval History", 1941, disponível em: <http://socserv.mcmaster.ca/econ/ugcm/3ll3/power/WoolTrade.pdf>.

em 1273, o rei Afonso X criou o “Honrado Consejo de la Mesta de Pastores”, que viria a tornar-se um dos grandes monopólios de então e seria responsável pela seleção, multiplicação e conservação de carneiros Merinos, promovendo uma indústria lanar importante em todo o mundo. A importância da lã para a economia inglesa do século XIV é demonstrada pelo facto do rei Eduardo III ordenar que o seu representante na Câmara dos Lordes, quando estava em Conselho, deveria sentar-se num assento recheado de lã, trazida de toda a Commonwealth, hoje conhecido como “the Woolsack”²⁰. A produção de ovinos e de lã tornaram-se tão importantes durante os séculos XV e XVIII que países como Espanha e Inglaterra, para protegerem o seu monopólio na produção de lã fina, decretaram, durante alguns períodos de tempo, a proibição de exportar ovinos ou lã em bruto. O governo espanhol considerava a desobediência como crime punido com a pena de morte²¹. Em 1660, a exportação dos têxteis de lã correspondia a dois terços do comércio externo da Inglaterra. Em Espanha, a pena de morte por exportar ovinos só foi suspensa em 1786. Neste ano Louis XVI (rei de França e Navarra) importou para Rambouillet (norte de França) 366 ovelhas Merino estando na origem da raça Merino Rambouillet²², famosa, ainda hoje, pela produção de lã fina. Em 1789, dois carneiros e seis ovelhas da raça Merino Espanhol chegaram à África do Sul como presentes do Rei de Espanha à Casa Real de Orange e terão dado início à indústria da produção de lã fora da Europa. Mais tarde, em 1797, foram introduzidos na Austrália, os primeiros ovinos Merino, descendentes do rebanho Real Espanhol (Royal Merino Flock of Spain). Neste país a seleção praticada pelos criadores permitiu a produção da lã fina australiana e terá contribuído para a criação da raça Merino Australiano.

Com a Revolução Industrial foram desenvolvidos equipamentos para a tecelagem permitindo a produção em larga escala e a diminuição dos custos. A invenção da lançadeira volante, criada em 1733, por John Kay, conseguiu duplicar a velocidade do trabalho. Posteriormente, a roda saxónica, a máquina de fiar de Wyatt e Lewis Paul e a de Hargreaves, em 1764, contribuíram para a melhoria da eficiência da tecelagem da lã. Com o aparecimento das fibras sintéticas, a partir dos anos 40 do séc. XX, a importância da lã diminuiu consideravelmente, mantendo-se ainda hoje essa tendência. A produção mundial de fibras em 2015 foi de 75 milhões de toneladas, das quais 64%, 35% e 2% foram de fibras sintéticas, algodão e lã, respetivamente²³. Em 2019 a produção mundial de fibras aumentou para 90 milhões de toneladas e estima-se que em 2025 seja de 119 milhões de toneladas. Espera-se que em 2025 a percentagem de fibras sintéticas produzidas cresça para 76%, enquanto que, as fibras de algodão e lã perdem importância, 24% e 1%, respetivamente²⁴.

²⁰ Cottle.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

²³ CIRFS, “European Man-made Fibres Association” <https://www.cirfs.org/> (acesso em Janeiro 2019).

²⁴ Ibid.

A ORIGEM DAS RAÇAS OVINAS PORTUGUESAS

Atualmente são reconhecidas em Portugal dezasseis raças ovinas divididas em três grupos (Bordaleiro, Merino e Churro) e dispersas por diferentes regiões geográficas. A origem das raças ovinas portuguesas, tal como noutros países, deve-se às migrações dos povos que permitiram a dispersão das espécies domesticadas um pouco por todo o mundo. Pensa-se que a chegada de ovinos à Península Ibérica terá sido efetuada, pelo menos, por quatro vias: a Mediterrânica, a Africana, a Pirenaica e a Levantina²⁵. Existem evidências de que os primeiros ovinos já semi-domesticados terão chegado à Península Ibérica por volta do V milénio a.C., oriundos da Ásia Menor, seguindo a via mediterrânea²⁶. O período neolítico caracterizou-se, no território de Portugal, como em outras zonas da Europa, por uma economia pastoril, comprovada pela presença de vestígios ósseos de ovinos datados deste período, concretamente entre o VI e o V milénio a.C. e distribuídos um pouco por todo o país^{27,28,29}. Por esta altura todo o ocidente da Meseta era ocupada por tribos pastoris, grande parte delas nómadas, obrigadas a deslocar-se para procurar pastagens³⁰. Durante os finais do segundo e todo o primeiro milénio a.C., chegaram à Península Ibérica, pela via Pirenaica, vários povos Indo-europeus o que, segundo Sierra-Alfranca³¹, terá implicado a entrada de ovinos na península e estará na génese de algumas das raças de lã média branca como a Aragonesa, a Manchega e a Segureña em Espanha. Segundo o mesmo autor, a chegada dos Fenícios, entre os séculos XI e IX a.C., terá estado na origem de vários animais domésticos de entre os quais os ovinos, oriundos da bacia mediterrânea e de diferentes partes do norte de África, o que representaria uma hipótese plausível para a origem da raça merina. A Ibéria já era famosa pela sua lã fina neste período de comércio com os Fenícios³². As invasões romanas trouxeram algumas alterações na forma de criação de ovinos, com a procura por melhores terras que o ambiente hostil da montanha. Assim, no período romano, a criação de ovelhas era comum a todo o território conforme se pode comprovar através de fontes arqueológicas ou de textos literários. Na região de

²⁵ I. Sierra-Alfranca, "The sheep from the shelter of the barranco de Cerro mortero climbers (alacón, teruel) and the primitive evolution of the ovine species in Spain," *Archivos de Zootecnia* 41, extra (1992): 315-324.

²⁶ Ibid.

²⁷ M. J. Valente, "Análise preliminar da fauna mamalógica do Abrigo da Pena d'Água (Torres Novas): Campanhas de 1992-1994," *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1998): 85-96.

²⁸ A. F. Carvalho & J. L. Cardoso, "A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres). Contribuição para o estudo da neolitização do Algarve," in *Actas do II colóquio internacional sobre megalitismo*, vol. 25 (Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003): 23-43.

²⁹ M. D. J. Sanches, "Sobre a ocupação do Neolítico inicial no Norte de Portugal," vol. 25, in *Actas do II colóquio internacional sobre megalitismo*, (Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003): 155-179.

³⁰ A. Sérgio, *Obras completas: Ensaios, Tomo VIII* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1974), 249.

³¹ Sierra-Alfranca.

³² A. S. Belda & M. C. S. Trujillano, *Razas ovinas Españolas*, 2ª ed. (Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 1986).

Alcácer do Sal, a criação de ovinos estava ligada ao fabrico de tecidos de lã, constituindo a lã um dos produtos pecuários mais famosos da Ibéria, sobretudo algumas variedades de lã negra. Frazão³³, citando Políbio, Plínio e Estrabão, escritores romanos dedicados às “coisas agrícolas”, refere que na Bética (província ao sul da Península Ibérica) os ovinos do tipo *burdo* eram amplamente explorados. Daqui terá derivado o termo Bordaleiro, cuja lã e tecidos do seu fabrico eram muito reconhecidos. Segundo Belda e Trujillano³⁴, no panorama étnico, os romanos não tinham claramente estabelecido o conceito de raça, mas as informações relativas à época, confirmam a existência dos seguintes tipos de ovinos: de lã fina e predominante de cor negra, castanha escura ou vermelha, de lã entrefina e de lã comprida e grosseira. A ocupação do território peninsular pelos Árabes manteve a importância da criação de ovinos, dado tratar-se de um conjunto de povos de há muito praticantes de grandes transumâncias. O período medieval, compreendido entre a chegada dos Bárbaros e os finais do século XIV, apresenta como característica marcante, sobretudo nos dois séculos finais, um aumento considerável da criação de ovinos. O uso extensivo do sistema de pousio para pastagens e o aumento do comércio da lã, podem ser consideradas as causas para esse facto. Durante esta época ainda não existia uma caracterização da estrutura racial ovina, ainda que se referisse a ovelhas de lã fina, que mais tarde dariam origem às ovelhas de lã merina e ovelhas com a designação genérica de Churras. Apesar da alternância de povos e de culturas, parece que os ovinos tiveram sempre um papel importante, como sugerem os estudos arqueológicos em Alcáçova de Santarém, datados do período que vai desde a idade do ferro até ao período muçulmano, onde foram encontrados com elevada frequência ossos de ovino³⁵. Durante o período da reconquista e nos vários reinados que se seguiram, foram elaboradas várias disposições régias com o objetivo de regulamentar a atividade da pastorícia, umas concedendo direito aos pastores, caso dos reinados de D. Dinis e de D. Afonso IV, outras restringindo essa mesma atividade e favorecendo a agricultura, caso do reinado de D. Pedro I, o que terá determinado grandes oscilações no efetivo ovino³⁶. Nos reinados de D. Dinis e D. Afonso IV (até 1357) face à importância da criação de ovinos, regulou-se o direito dos pastores utilizarem os pastos alheios, por falta de terrenos próprios, para sustentar os seus animais. No reinado seguinte, reinado de D. Pedro I, muitos dos terrenos incultos foram utilizados para caça e foram implementadas disposições régias que visavam a proteção dos agricultores contra as devastações causadas pela transumância dos rebanhos, o que levou a uma diminuição significativa do efetivo ovino nos séculos XV e XVI. A falta de pastagens para os rebanhos existentes conduziu a uma baixa da produção de lã, leite, queijo e manteiga e aos protestos dos povos contra os abusos e

³³ T. L. Frazão, “Ovinos Campaniços,” Boletim Pecuário 48 (1982): 1-131.

³⁴ Belda & Trujillano.

³⁵ S. J. M. Davis, Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal, vol. 43 (Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2006).

³⁶ Russo-Almeida.

usurpações de que se julgavam vítimas. O século XVIII vem inverter a tendência dos séculos anteriores e observou-se um notável incremento da pecuária, incluindo a criação de ovinos. A produção de carne, lã e peles são um mercado lucrativo em expansão quer para abastecer os núcleos industriais existentes, quer como elemento fomentador de exportação. A Beira Baixa e o Alentejo lideravam a produção de lã, ao mesmo tempo que se dava um enorme desenvolvimento da indústria têxtil da lã. Surgem fábricas de têxteis de lã em Estremoz, Lisboa, Covilhã, Fundão, Tomar e Portalegre como consequência dos incentivos governamentais. A origem dos ovinos merinos portugueses está estreitamente ligada ao merino espanhol³⁷. Este autor sugeriu que os ovinos merinos foram introduzidos em Espanha por uma tribo oriunda do Norte de África em meados do século XII. Atendendo à proximidade geográfica, à passagem de algumas das rotas da transumância por terras de Portugal, assim como ao comércio realizado com Espanha, facilmente se explica que a raça Merina tenha influenciado as raças ovinas portuguesas. Desde os finais do século XIX até à atualidade, houve uma evolução na classificação atribuída às raças nacionais de ovinos, para tal contribuiu o primeiro recenseamento pecuário efetuado a nível nacional em 1870 e publicado em 1873 por Bernardo Lima. Os ovinos portugueses são então descritos com base na classificação usada na época para as raças europeias, e que assentava na qualidade dos seus velos, dividindo-as em três tipos: o Merino, o Estambrino e o Bordaleiro, subdividindo este último, considerado o mais abundante em Portugal, em três “variedades” o Bordaleiro Churro, o Bordaleiro Feltroso e o Bordaleiro Comum³⁸. A descrição feita dos animais, com base nesta classificação, faz referências a grupos de animais que podem ser relacionados com algumas das raças atuais. Dentro do “tipo Merino” fez referência ao “gado lanar alentejano, dito raça dos barros”, ao “gado lanar branco das cercanias de Lisboa, dito raça fina saloia”, ao “gado lanar branco da terra quente do distrito de Bragança, dito gado badano”, considerando o autor, como provável, tratar-se de “uma raça mestiça do bordaleiro comum transmontano com o merino hespanhol”. Desta descrição, deduz-se estarmos perante os antecessores das atuais raças Merina Branca, Saloia e Churra Badana, respetivamente. O tipo Merino era então explorado para a produção de lã, começando naquela altura também a ser explorado para a produção de carne, considerando-se que a produção de leite, estava mal desenvolvida neste tipo de animais. Quanto ao “tipo Bordaleiro”, foi também possível relacionar as raças atuais Churra Galega Mirandesa e a Serra da Estrela, com a descrição geográfica feita pelo autor, ao referir-se aos “carneiros de toda a bréa ou plan’alto de Miranda em Traz-os-Montes” e os “transhumantes da Serra da Estrela”. Também possíveis antecessores das atuais raças Merino da Beira Baixa e Merino Preto, aparecem descritos uma vez que há concordância quanto à descrição dos animais quanto à forma da

³⁷ J. Klein, *La Mesta: Estudio de la historia economica española, 1273-1836* (Madrid: Alianza Editorial, 1979).

³⁸ S. Bernardo Lima, *Considerações gerais e analíticas acerca do Recenseamento Pecuário de 1870: Recenseamento do Reino de Portugal* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1873).

cabeça, à cor e qualidade do velo preto e à sua localização geográfica. Ainda dentro do “tipo Bordaleiro”, concretamente nas variedades “*Feltroso*” e “*Churro*”, faz-se referência a um grupo de ovinos que se particulariza por possuir pernas e cara deslançadas, designado de “*caréos, gado da serra, charnequeiro e gallego*” conforme a região, presentes “*em todos os distritos do reino, com especial incidência nas serras e charnecas dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Viseu, Coimbra, Leiria, Santarém e Lisboa*” que sugere tratar-se dos antecessores da atual raça Bordaleira de Entre Douro e Minho. Quanto ao “tipo estambrino”, o mesmo autor considerou não haver animais que pudessem ser incluídos neste grupo. Esta classificação é adotada por outros autores³⁹ mas com uma terminologia ligeiramente diferente. Em vez de “typos” optaram pelo termo “raça” e consideraram a população ovina portuguesa constituída pelas raças Merina (com as variedades *dos Barros* no Alentejo e *saloia* nos arredores de Lisboa), Bordaleira (com as sub-raças Comum, Feltrosa e Churra) e pelas mestiças destas duas raças. Os trabalhos posteriores de Miranda do Vale^{40,41} reforçam a ideia de diversidade associada aos ovinos portugueses já destacada por Bernardo Lima⁴² e por Costa & Castro⁴³. O arrolamento de 1940 foi mais pormenorizado do que os anteriores e classificou os ovinos em churros e não churros. Os relatórios elaborados pelos intendentes de cada distrito, publicados em 1945, fazem uma breve caracterização dos ovinos de cada região. Na descrição dos ovinos da região de Trás os Montes feita por Felgueiras-Júnior⁴⁴ utiliza-se pela primeira vez a designação “bragancês” para os ovinos da Terra Fria. Tendo por base a lã, este autor classifica o ovino badano como pertencente ao tipo bordaleiro churro e não como pertencente ao tipo merino, como havia sido considerado por Bernardo Lima⁴⁵ e por Costa & Castro⁴⁶. Foi apenas nas décadas 50 e 60 do séc. XX que os serviços oficiais (Direção dos Serviços Veterinários) realizaram vários trabalhos com o intuito de proceder à caracterização do sistema de produção, efetivo e aptidões (leite, carne, lã) de algumas raças ovinas. Estes trabalhos viriam a constituir o alicerce para as designações

³⁹ B. C. Costa & L. D. Castro, *Le Portugal au point de vue agricole* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1900).

⁴⁰ J. Miranda do Vale, “Gado ovelhum e caprino: estudo das diferentes raças existentes no país e das que nelle poderão ser introduzidas com o fim da exploração leiteira”, in *Congresso de leitaria, olivicultura e indústria de azeite*, vol. I (Lisboa: Imprensa Nacional, 1905), 47-73.

⁴¹ J. Miranda do Vale, *Bovídeos portugueses: Subsídio para o estudo da pecuária nacional* (Lisboa: La Bécarre, 1907).

⁴² Bernardo Lima.

⁴³ Costa & Castro.

⁴⁴ F. Felgueiras-Júnior, “Intendências de pecuária de Bragança: Arrolamento geral do gado e animais de capoeira de 1940,” *Boletim Pecuário XIII* (1945): 61-76.

⁴⁵ Bernardo Lima.

⁴⁶ Costa & Castro.

raciais dos ovinos portugueses^{47,48,49}. Ramos da Costa⁵⁰ reuniu informação acerca de 13 raças portuguesas que classificou, de acordo com a lã, em três grupos:

- Merino, de lã fina, de que faziam parte as raças Merina Branca, Merina Preta e Merina da Beira Baixa.

- Churro, de lã grosseira, que incluía as raças Galega Bragançana, Galega Mirandesa, Badana (ou Marialveira), Mondegueira, Churro do Campo e Churra Algarvia.

- Bordaleiro, de lã intermédia, constituído pelas raças Bordaleira de Entre Douro e Minho, Serra da Estrela, Saloia e Campaniça. Deste estudo destaca-se o estabelecimento das designações das raças ovinas portuguesas, que ainda hoje permanecem, a elaboração de um mapa da sua distribuição e a reclassificação de algumas raças quanto ao tipo de lã; caso da Saloia e da Badana, consideradas previamente como tipo merino. Em 1987, a Direção Geral de Pecuária publicou um trabalho intitulado "Recursos Genéticos" onde reuniu informação relativa à caracterização morfológica, produtiva e reprodutiva de catorze raças ovinas e cinco raças caprinas portuguesas⁵¹. Neste trabalho foi individualizada uma nova raça ovina, a Churra da Terra Quente que, segundo os autores, derivou "do encontro da Mondegueira com a Badana e que ocupa toda a área da terra quente e alguns concelhos dos distritos de Vila Real e Guarda". Em julho de 2015 foi declarada oficialmente a raça Churra Galega Bragançana Preta, o que perfaz as dezasseis raças ovinas consideradas atualmente.

Desde 1940, a assistência praticada pela Direção Geral dos Serviços Pecuários e pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários (JNPP), no domínio zootécnico, tecnológico e económico atingiu acentuada projeção, permitindo uma valorização adequada da matéria-prima lã. Para tal contribuiu a organização do sistema de comercialização das lãs nacionais, com a concentração das lãs nos armazéns dos Grémios da Lavoura e Cooperativas Ovinas, sua tipificação, classificação e avaliação feitas pelos técnicos da JNPP, seguida de venda no regime de leilões. O regime de venda em leilões atribuía a cada lote a leiloar um preço base de garantia que defendia os produtores de qualquer tipo de especulação. Além disso, permitia aos produtores conhecerem o valor da lã dos seus rebanhos e das tendências dos mercados nacional e mundial⁵². Em 1943, no "I Congresso Nacional de Ciências Agrárias" os temas das comunicações centraram-se exclusivamente na produção de lã em Portugal, que resultou numa

⁴⁷ G. Pereira & A. C. Rodrigues, "Populações ovinas da terra fria do distrito de Bragança," Boletim Pecuário XX (1952): 7-57.

⁴⁸ J. E. Paiva & M. M. Glória, "As populações ovinas do distrito da Guarda," Boletim Pecuário 27 (1959): 45-123.

⁴⁹ E. A. S. Ramos da Costa, "Description of the Portuguese breeds of sheep," in Sheep breeds of the Mediterranean, ed. I. L. Mason (Edinburg: FAO, 1967): 215.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ M. Sobral et al., Recursos genéticos: Raças Autóctones, Espécies ovina e caprina (Lisboa: Direcção-Geral da Pecuária, 1987).

⁵² M. C. Morais, Produção e comercialização das lãs: O problema da lã – II, Série Estudos, 2ª ed. (Lisboa, J.N.P.P. Editores, 1971).

publicação intitulada “O problema da lã – I”. Reconheceu-se a importância da produção de lã na economia nacional e foram apresentadas propostas de resolução para os problemas identificados. As temáticas abordadas foram desde a tosquia, a armazenagem e a escolha das lãs, a lavagem e os ensaios têxteis. Nesta publicação fica bem patente a preocupação com a fileira da lã. Os distritos de Bragança, Guarda, Beja, Évora, Castelo Branco e Portalegre eram considerados os maiores produtores de lã⁵³. Na “Semana Luso-Galaica de Estudos Técnicos sobre Gado Ovino”, realizada em 1968, são apresentadas várias comunicações pelos técnicos dos Serviços da Produção e Comércio das Lãs da JNPP em que o tema central volta a ser a lã (O problema da lã – II). Nesta altura a lã já sofria os efeitos da forte concorrência das fibras artificiais e sintéticas. É referido que durante o ano de 1966, a indústria nacional de lanifícios consumiu um quantitativo de fibras artificiais e sintéticas correspondente a 11 000 000 kg de lã⁵⁴. Nesta publicação é feito um balanço positivo do trabalho realizado no setor da lã desde 1940, com aumentos de cerca de 62,5% na produção e apresentam o novo regime de venda de lãs em leilão, com lotes nos primeiros estádios de transformação. Apesar do momento difícil, devido à forte concorrência das fibras sintéticas, é transmitido um sentimento de esperança quanto ao futuro da lã. Considera-se que a lã, passados os entusiasmos que acompanham as novas ideias, voltará a ser a fibra nobre, por excelência, por possuir características têxteis inigualáveis e que não podem ser reproduzidas artificialmente⁵⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nível nacional, a lã tem registado, na última década, um ligeiro renascimento, com o investimento de algumas empresas na criação e renovação de unidades para a produção de fios “made in Portugal”. A indústria aposta também em linhas de produtos marcadamente ecológicos, no intuito de responder a um consumidor mais informado e exigente. Ao mesmo tempo, a inovação na diversificação da oferta dos tipos de fio de lã, associada a uma boa divulgação digital, começam a despertar o interesse de alguns nichos de mercado. Com esta crescente preocupação ambiental, a utilização da lã representa uma fonte alternativa de grande potencial económico, que se torna vital para a sobrevivência das indústrias num mercado global e competitivo.

⁵³ M. C. Morais, O problema lanar português: O problema da lã – I, Série Estudos, 2ª ed. (Lisboa: J.N.P.P. Editores, 1968).

⁵⁴ Morais, Produção e comercialização das lãs.

⁵⁵ Morais, O problema lanar português.

SOBRE OS AUTORES:

Virgínia Santos

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências Agrárias e Veterinárias, Centro de
Ciência Animal e Veterinária

vsantos@utad.pt

Ângela Martins

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências Agrárias e Veterinárias, Centro de
Ciência Animal e Veterinária

angela@utad.pt

Mário Silvestre

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências Agrárias e Veterinárias, Centro de
Ciência Animal e Veterinária

asilvest@utad.pt

Severiano Silva

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências Agrárias e Veterinárias, Centro de
Ciência Animal e Veterinária

ssilva@utad.pt

Jorge Azevedo

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola Ciências Agrárias e Veterinárias, Centro de
Ciência Animal e Veterinária

jazevedo@utad.pt